

ANTES DO SOL



Arthur lima

Assim como em todos os outros domingos ela me vestiu, não me lembro de seu nome, mas o amor que sinto pelos seus pequenos cuidados, é incondicional, ela era minha mãe afinal. Até hoje sinto saudade de seu calor e da maciez de sua pele, é uma pena que nem mesmo me lembro de seu rosto, apenas dos longos cabelos negros e seu doce aroma de chocolate.

Meu pai tinha uma voz grossa e tensa, ele apressou minha mãe para entrarmos rápido no carro, ela me pegou no colo e me colocou na cadeirinha. O caminho até a igreja era marcado pelos tons amarelos do nascer do sol.

Quando entramos lá algumas pessoas já haviam chegado, mesmo assim conseguimos bons assentos, não eram muito longe do altar, pois, conseguia vê-lo assim como a enorme cruz dourada no fundo da sala, os bancos eram de madeira maciça, desconfortáveis e a luz dos vitrais coloridos machucava meus olhos. Rezamos por muito tempo, os assentos foram preenchidos gradualmente, quando me dei conta, diversas pessoas estavam em pé.

A mansa oratória do padre me acalmava, mas hoje penso em suas pausas, e elas me deixam ansioso e nervoso. Repentinamente uma mulher das primeiras fileiras começou a gritar, me agarrei no vestido da minha mãe, aqueles gritos estridentes em agonia ainda me atormentam. Sem medo e com grande determinação, o padre foi tentar entender as lástimas dela.

Tentando tranquilizar a todos ele explicou ter controle da situação, e que já realizara um exorcismo antes, os fiéis ficaram mais calmos e começaram a aplaudi-lo de pé. No altar o padre começou a fazer um ritual estranho, ele recitava palavras com fúria, abracei-me a minha mãe, e coloquei minha cabeça contra a coxa dela.

Subitamente um estrondo cessou as palmas. Um cheiro nauseante embrulhou meu estômago, tentei identificar de onde vinha, mas antes de conseguir minha mãe me pegou no colo.

Senti o gosto salgado das lágrimas de minha mãe, que com sua voz hesitante tentou falar algo antes de começar a ser estrangulada pelo meu pai. Ele estampava um sorriso no rosto, seus olhos castanhos demonstravam apenas ódio, suas veias saltavam pela testa.

— Morra lentamente! — gritou o que se apossou do meu pai. — Gosto de ver a vida se esvaindo de seus olhos.

Minha protetora se debatia com braveza por mais algum tempo de vida, mesmo com todo seu esforço ouvi ela sufocando lentamente, senti seu braço perder calor e sua pele ficava pálida. Entre rios de lágrimas berrei para aquela coisa parar. Foi inútil.

Em seguida ouvi uma sequência de estalos...

Fui ao chão com ela.

A única coisa que amorteceu minha queda foi o cadáver dela, mesmo em seus últimos suspiros ela não me soltou. Meus olhos eram embaçados pelas lágrimas, preferia não ter visto aquilo, todo seu pescoço estava inchado e deformado, seus ossos pareciam fragmentados...

Como um homem conseguiu fazer aquilo?

— É isso que sua raça merece pelo que fez.

Ele levantou-me aplicando uma gravata e sua barba espetou meu rosto. O local de deus se converteu em uma carnificina, o chão era banhado de sangue e corpos esquartejados.

Nem mesmo me debati, uma parte minha morreu, tudo o que me manteve vivo até aquele momento não existia mais, meu próprio instinto de sobrevivência desistiu.

— Espero que a diversão tenha sido suficiente — disse calmamente a voz feminina que ainda ouço em meus pesadelos — Deixe que eles vivam mortos, esse destino é o suficiente para o restante.

Parei de ser sufocado e minha cabeça foi jogada contra o banco e perdi a consciência.

Assim que terminei de escrever rasquei meu passado e o joguei no lixo, não devo mais ficar olhando para ele, o futuro pode me dar a oportunidade de me vingar.

Meu sono é muito perturbador para querer voltar para ele, e o pesadelo é muito real para eu conseguir esquece-lo. Ninguém acredita em atos sobrenaturais, eles dizem que meu pai já está morto, mas sei que não estou louco ele me observa, já me encontrei com ele, e a próxima vez que o encontrar ele descansará em paz.